

Entrevista com Sr. Tião de Perus em 15/05/2014.

Local: Sede do Sindicato dos Aposentados de Perus

Moderadores:

José Carlos Silva

Miriam Santos

Thelma Camargo

Miriam:

Bom dia, estamos aqui com o Sr. Tião de Perus e, primeiramente, gostaríamos de agradecer a disponibilidade do Sr. de nos receber.

Estamos aqui muito contentes pelo encontro e gostaríamos de conversar com o Sr. a respeito da Fábrica de Perus, dos movimentos que tiveram aqui em Perus.

Mas, anteriormente, gostaríamos que o Sr. se apresentasse, falasse um pouco do Sr. e que ficasse a vontade com as informações pra gente.

Sr. Tião:

“Eu sou Sebastião Silva de Souza, Souza com Z, sou nascido aqui em Perus, atualmente sou viúvo, minha esposa faleceu faz 3 anos eu tenho 6 filhos, 9 netos 3 bisnetos eu estudei no grupo escolar aqui em Perus até o 4º voltei aos 48 anos pra completar os estudos, mas minha vida toda foi aqui em Perus, conheci minha esposa, agente casou, nunca sai daqui de Perus.

Agente viu Perus crescer e inchar, porque só pode ser um bairro inchado, porque nunca vi crescer tanto.

Perus cresceu tanto, que hoje em dia eu vou à estação pra tomar o trem eu sou um estranho, ninguém conhece, então esse é o resultado de ficar muito velho num lugar.

Miriam:

Nós gostaríamos então que o Sr. contasse um pouco como foi o movimento, como foi a fábrica de Perus e suas atividades lá.

Sr. Tião:

A fábrica...você sabem que ela foi inaugurada em 1926 por um grupo Canadense, eles que instalaram a fábrica e depois

meu pai... eles iniciaram mais ou menos em 26, e mais ou menos em 37 meu pai começou trabalhar na fábrica meu pai e meus irmãos e eu trabalhava já depois de mocinho.

Eu trabalhava numa casa de comércio em Perus, então, a primeira greve de 1958 da Perus eu não trabalhava na fábrica mas eu assistia todas as assembleias, via a sociedade de Perus xingar o Dr. Mário que era o advogado do sindicato.

Naquele tempo era muito comum dizer que pessoas que estavam preiteando alguma coisa ou melhoria para o trabalhador ou para família era Comunista e tinha aquela lenda de que comunista comia crianças então era muito usado este termo de que é agitador comunista baderneiro e isso até mesmo dentro da igreja, que eu sempre militei muito tempo na igreja católica, que havia uma certa separação, discriminação com referência a quem apoiava esse movimento.

E aí passou 58 foi a greve vitoriosa sem dúvida e em 61 eu entrei na fábrica pra trabalhar na fábrica de cimento quando eu tinha 7 meses de casa dia 14/05/62 ontem fez aniversário começou a famosa greve a greve de 62 que durou 7 anos até 69 que foi duro demais houve os companheiros que furaram a greve que se comprometeram com o Abdalla de fazer a fábrica funcionar e eles entraram na fábrica amparados pela polícia de medo da gente e agente foi muito discriminado no bairro no comércio enfim até mesmo as pessoas que as vezes gostavam de diminuir a gente olhavam pros filhos da gente e falavam assim é filho de queixada **Queixada** é vagabundo não quer trabalhar a

fábrica tá ai não trabalha por que não quer, ninguém olhava pra injustiça pra aquilo que a gente tava lutando que agente queria ser reconhecido como pessoa humana queria ter casa ter onde morar ter saúde transporte e todo bem estar que agente lutava por isso e a gente foi muito mal compreendido essa greve durou uns sete anos. Depois dos 7 anos houve o julgamento da greve e a justiça fez com que todos os trabalhadores, que era quinhentos trabalhadores, deixe eu explicar... a gente era mais de mil trabalhadores mas, no primeiro julgamento que houve naquele tempo não tinha fundo de garantia não tinha lei trabalhista, então quem tivesse mais de 10 anos era estável na firma, quem não tinha era... não tinha segurança no primeiro julgamento, praticamente 700 colegas nossos que não eram estáveis entre eles eu... fomos colocados na rua por abandono de trabalho e os 500 que eram estáveis foram conseguir... a justiça determinou que eles voltassem a fábrica e recebessem o tempo que ficaram fora mas, foi interessante que na hora de pagar a indenização dos trabalhadores quem pagou foi o governo, não foi o Abdalla porque, ele disse que não tinha dinheiro, que a vida toda do Abdalla foi assim ele nunca se preocupou em reaparelhar a fábrica para que não poluísse o bairro ele só queria lucro condição de lucro e lucro e nessa hora também ele se apresentou como o pobrezinho e o governo federal pagou a dívida dele pros nossos companheiros.

José Carlos:

Você se lembra quem era governo na época?

Sr.Tião:

General Geisel o alemão, no tempo em que a greve começou a se desenrolar a fraquejada do pessoal que nos traíram e tal cada um de nós tirou uma carteira profissional e foi trabalhar, eu fui trabalhar com ônibus aqui mesmo no distrito e depois passando mais um pouco ainda existia a CMTC eu prestei concurso na CMTC passei e fui trabalhar lá fiquei trabalhando lá enquanto isso a greve continuava, as mulheres dos queixadas tiveram papel muito importante nessa greve, as mulheres de Perus e de Cajamar, aqui agente ainda tinha trem pra ir pra SP e tudo, lá não, eles só dependiam de ônibus e de carona, mas mesmo assim elas... os maridos ficavam trabalhando e elas indo nas passeatas, participavam das assembleias, como a minha mulher também fez isso.

Miriam:

O senhor se recorda como aconteceu quando o movimento se associou a outros movimentos, a inserção da JOC da JUC nesses movimentos?

Sr.Tião:

No início da greve... porque nós tínhamos um advogado Mario Carvalho de Jesus que ele era muito conhecido né, então ele conhecia o pessoal das faculdades da medicina do Direito principalmente, e ele convidava os estagiários, os estudantes vinham com eles e eles ficavam aqui com a gente animando e ajudando na medida do possível e tinham os médicos os quinto anistas de medicina a noite eles atendiam o pessoal doente aqui mesmo no sindicato gratuitamente eles doavam parte do tempo deles para vir ajudar aqui e nós, como no início, o sindicato fez contato com mais sindicatos esclarecendo a situação e pedindo ajuda e então formaram-se comissões de trabalhadores daqui dos **Queixadas** e foram para outras cidades visitar outros sindicatos que nos apoiavam e sempre mandavam alguma coisa pra gente, eu estive no interior 3 meses, a gente fazia 2 trabalhos: pedia ajuda e esclarecia pro povo a nossa situação de grevista e quem era o mal patrão o Abdalla.

Miriam:

E a participação da juventude

Sr.Tião:

A juventude estudantil a JUC eles se mostraram muito interessados e vieram porque era um aprendizado acho que muito mais forte do que uma sala de aula, eu aprendi muito mais do que uma sala de aula. Eu não sou capaz de citar nomes, assim mas, eu conheci muitos rapazes da JUC que hoje são advogados, até juízes, e da JOC o cidadão que eu mais tive contato sempre, que eu estou encontrando com ele é o Waldemar Rossi que é... Eu tenho muito respeito por ele um cidadão de uma sabedoria muito grande, humilde.

Jose Carlos:

Quando ele veio pro movimento ele tinha quantos anos?

Sr.Tião:

Eu acho que ele tinha uns 18, 19 anos, por aí assim, era garotão mesmo.

Miriam:

E hoje ele atua? Que atividade ele realiza hoje?

Sr.Tião:

O Waldemar é um cidadão de destaque dentro da Arquidiocese de SP no tempo da ditadura, tempo ruim mesmo, ele foi preso apanhou muito e ele fazia parte de um conselho da diocese, da comissão de justiça da Arquidiocese, então ele é muito conhecido dentro do clero bem aceito por uns por outros menos, sempre foi assim, mas, ele é de lá que eu conheço.

Thelma:

Veio inspirado na JOC e na JUC essa... Por que o movimento de vocês era de não violência né? Conta pra gente como era...

Sr.Tião:

Não violência porque o nosso advogado Mário Carvalho ele havia feito um estágio e ganhou a bolsa quando se formou, ganhou uma bolsa de estudo na França e ele escolheu lá um

movimento operário que trabalhava na fábrica, ele foi trabalhar na fábrica junto com o Padre Lebrete e uma equipe de médico, então ele trabalhou muito lá, quando ele veio pra SP voltou pro Brasil, acho que em 54, o sindicato convidou pra trabalhar aqui, a primeira pergunta pro sindicato foi assim: -Vocês querem um advogado só pra defender vocês perante a lei ou vocês querem alguém para lutar junto com vocês para mudar as situações? E, eles disseram, não nós queremos você inteiro aqui com a gente. Sendo assim ele aceitou, tanto que durante a ditadura militar ele e o João Breno, que era o presidente do sindicato, foram presos muitas vezes, sofreram muito tempo foram humilhados demais, Breno teve um tempo que ele em SP não conseguia emprego, toda firma que ele chegava tinha a placa lá que tinha vaga, mas, quando ele se apresentava:

-Não tem vaga. Tava na lista negra. E o Dr. Mário também sofreu muito com isso. Ele tinha 10 filhos. O Breno tinha 7, mas, no sentido de que as lições da greve de 58 e o que o sindicato vinha aplicando fez com que se fundasse a FNT (Frente Nacional do Trabalho) que era uma assessoria para todos os sindicatos que quisessem.

Jose Carlos:

E isso foi articulado aqui na região?

Sr.Tião:

Foi fundada aqui e a sede era lá na Rego Freitas, o escritório era lá, então, funcionou muito tempo até a hora que a ditadura espalhou por tudo, mas, não conseguiu tirar da cabeça das pessoas o propósito disso que havia iniciado.

Jose Carlos:

Então o Sr. é um **Queixada**? Qual a diferença de um **Queixada** e o Pelego? Como é que o Sr. identifica isso? O que o Sr. poderia falar melhor sobre isso?

Sr.Tião:

O **Queixada** você sabe, você conhece o porco queixada, né? Ele é bravo! Agente vê um ataque de queixada é terrível, então, esse nome surgiu por causa de que na primeira greve o Abdalla tentou intimidar a gente, os operários, né, dizendo: - Eu vou jogar todo mundo na rua, fazer isso fazer aquilo. Pôs polícia demais e tudo, mandou pessoas, pagou pessoas pra virem fazer a cabeça dos operários para que fossem trabalhar né, e todo mundo respondeu que não queria, que queria os direitos que estavam sendo pedidos né, a ponto de vocês, sabem aquela frase célebre de alguém que disse numa assembleia no sindicato, " - Vocês precisam voltar pra fábrica porque o Cristo tem fome de cimento" Aí

o trabalhador disse, - Pelo contrário o trabalhador tem fome de justiça". Então, foi este o trabalho que foi feito, disso tudo, destes movimentos, depois no decorrer da greve de 62 pra mim o que ficou foi que a gente aprendeu muito, eu aprendi muito como homem que eu tinha atrás de mim uma família que minha mulher não era minha empregada ela era minha parceira, né, que eu devia a ela respeito eu devia, tinha que colaborar com ela na educação dos filhos, tentar resolver com ela a situação financeira que não era boa, pra vocês terem uma ideia, quando..., eu fiquei 8 meses sem pagar aluguel de casa, a minha sorte é que o dono da casa era grevista também então, ele falava: - Quando resolver a gente acerta. Mas, neste intervalo eu comecei receber do trabalho que eu prestava com ônibus e aí fui acertando com ele. Agora, a água e a luz, minha sogra e meu sogro... Minha sogra era lavadeira, meu sogro era aposentado do INPS naquele tempo, ele ainda juntava um dinheirinho e pagava a luz e água pra gente, então foi um... agente aprendeu muito em sentido de ajuda mútua, a gente tinha um grupo de casais que se encontrava, uma vez por mês, tinha um médico, 2 médicos que acompanhava, tinha um advogado que orientava na questão jurídica, eu tenho... Eu falo pra todo mundo que aquilo ali pra mim foi o início das comunidades eclesiais de base em Perus, que até 80 era um movimento muito forte, hoje em dia tá meio, tá espalhada a coisa, mas foi..., agente aprendeu muito naquilo ali.

José Carlos:

O Sr. tem um anel na mão, o que significa esse anel?

Sr. Tião:

Esse anel significa compromisso com os menos favorecidos, é de Tucum a fibra do Tucum.

Jose Carlos:

E de quem o Sr. recebeu esse anel?

Sr. Tião:

Olha esse daqui já é o 5º ou 6º porque, as vezes a gente não toma muito cuidado e vai trabalhar e trinca né, então... mas eu fui comprando e comprando esse tá durando mais tempo comigo mas, eu tenho muito orgulho de ter ele no dedo e cada vez que eu olho pra ele eu sinto que eu tenho responsabilidade de lutar pelas coisas. Então, o que aconteceu aqui em Perus? Eu... a gente aprendeu participar do conselho de saúde, nós tivemos o lixão por quase 30 anos cheirando lixo aí o tempo todo, mosca e tudo, uma

série de coisas, né, paralisamos Perus, uma vez por causa que queriam instalar um incinerador no Parque Anhanguera, outra vez foi também por causa do lixo mesmo, paramos Perus e enfrentamos a tropa de choque jogando gás pimenta, bomba, ameaçando bater, né? Mas, conseguimos parar e mostrar pro povo e a gente sentiu que não foi todo o bairro de Perus que falou: - Essa luta é válida e nós vamos ajudar. Muita gente cruzou os braços e ficou olhando, né, pra eles a nossa fama não é boa não... mas, fomos nós que acordamos de madrugada e ficamos fazendo todo serviço de paralisação, e uma parte do nosso povo e eu participo também do conselho de saúde, a melhoria de transporte enfim, onde existe alguma coisa e que há alguma reivindicação a ser feita a gente procura estar.

Jose Carlos:

O Sr. falou da questão do **Queixada**, a gente entendeu, eu queria só voltar àquela pergunta a questão do Pelego, o que é esse Pelego?

Sr.Tião:

O **Queixada** era o ... quer dizer agente era agressivo, reivindicava, mas sem violência, né, por que o **Queixada** morde mas, nós não precisamos disso, né, agora, os Pelegos

são aqueles companheiros nossos que ficaram de cabeça baixa e achavam que o patrão tinha razão, que o patrão era bom, e que nós é que éramos os excluídos, então, aceitavam tudo que o patrão e toda a sociedade colocava encima deles, então, aquilo... ao se arrear um cavalo vocês sabem que a primeira coisa que deve é colocar um Pelego no dorso do lombo do cavalo e depois a cela esse é o Pelego fica embaixo da sola do patrão.

Jose Carlos:

Uma pergunta que eu queria saber do Sr. quais as estratégias que vocês usavam pra esse trabalho aqui na região, pra esse enfrentamento?

Sr.Tião:

Aqui em Perus? Olha a primeira coisa que agente aprendeu que a não violência, parecia fácil de dizer eu sou não violento, mas viver no dia a dia, enfrentar situações duras e não ser violento, agente aprendeu muito com o Gandhi, né, ele que inspirou todo o trabalho da gente, não ser violento, e a gente teve oportunidade de ser, naquele tempo os Pelegos tinham a capacidade de provocar a gente, apontar para a polícia, a polícia gostava de humilhar: " Porque você não trabalha, então você é vagabundo, tudo isso por obra dos Pelegos a gente **Queixada**, nunca quebramos nenhum

vidro da fábrica respeitamos sempre o patrimônio, por que pra nós aquilo ali era como se fosse nosso, era onde a gente ganhava nosso pão e sustentava nossa família então aquilo deveria ser respeitado porque a gente esperava que um dia isso iria terminar, a gente só não sabia quando.

Jose Carlos:

E quando o Sr. falava dos **Queixadas** a gente pode imaginar quantas pessoas que estavam envolvidas que eram os companheiros de luta?

Sr.Tião:

Bom, você sabe que num grupo de 500 pessoas que eram os que deveriam voltar, que tinha o direito de receber indenização na hora, que tinha saído o dinheiro da indenização, então, foi feita uma conversa no sindicato numa assembleia que os estáveis iriam... ficou de se cotizar e uma parte iria... do dinheiro da indenização deles para os que ficaram fora, e houve companheiros que não quiseram dar, na hora que receberam disseram esse dinheiro é meu e eu não dou pra ninguém, houve isso.

Jose Carlos:

E isso que o Sr. fala que ficaram fora o que seriam, foram mandados embora?

Sr.Tião:

Foram esses 800 e poucos que ficaram fora, os não estáveis.

Thelma:

E, vocês nunca foram indenizados, nunca tiveram um reconhecimento da justiça, nada?

Sr.Tião:

Não, nunca, a Justiça nunca veio. Foi duro demais pra ela reconhecer os estáveis e salvá-los, mas, nós... mas, aí aconteceu aquela história né, uns aposentaram, outros morreram, outros arranjaram emprego como eu e foram trabalhar, então não parou.

Jose Carlos:

E como é que o Sr. vê esse trabalho feito em Perus, principalmente, o pessoal daqui da região mais a Universidade com esse projeto lá pra fábrica de Perus, como o Sr. vê isso?

Sr.Tião:

Eu vejo isso como um sonho, porque realmente eu tenho um sonho..., ver a fábrica transformada em um centro de cultura, ver a ferrovia Perus Pirapora funcionando como um lazer e o Parque Anhanguera que é a maior área verde que a prefeitura tem, transformado num parque, que realmente as pessoas possam ir e se sintam bem que dê emprego, que seja sustentável para as pessoas

Miriam:

Nós gostaríamos de agradecer todo esse conhecimento que recebemos agora, foi uma riqueza de conhecimento, agradecer sua disponibilidade, sua atenção e parabenizar acima de tudo toda essa história, sua participação nela, o respeito à sua família e à comunidade, que esta história vai ficar marcada pra sempre.

Sr.Tião :

Obrigado.

Thelma:

É importante agente frisar pro Sr., deixar claro que toda essa nossa conversa, ela vai ficar arquivada como acervo da Fábrica de Cimento, também do Sr. que terá sua cópia também, tudo isso faz parte de um trabalho grande que a Universidade de São Paulo, na cadeira de Arquitetura do professor Euler, de Representação da Paisagem, estamos juntando acervo pra que nada do que o Sr. passou, que seus companheiros passaram pra que nada disso se perca e que fique na história de Perus pra sempre. Muito obrigada.

Sr.Tião:

Eu que agradeço

Jose Carlos:

Bom, tô do outro lado aqui mas, quero te agradecer muito, te reverenciar, pela sua simpatia, sua presença muito carismática de nos atender, desejo a você vida longa, muita saúde, você faz parte com certeza da história de Perus, da memória de Perus e hoje nós tivemos aqui em poucos minutos, 25 minutos, nós tivemos uma grande aula de uma vida de trabalho aqui, agente agradece a sua disposição, chegou antes do horário marcado, e a gente teve a preocupação de não atrasar também e nos comprometemos em dar uma cópia pra ficar pra sua família e outra deve ficar no acervo da fábrica, ok? Obrigado e um bom dia pra vocês.

Sr.Tião:

Eu que agradeço, e estou a disposição quando precisarem... pode ser aqui, pode ser na minha casa...

Thelma:

E que o sonho se realize, né?

BATE PAPO ANTES DA ENTREVISTA

(PEGAR AUTORIZAÇÃO)

(15/05/2014)

Sr.Tião:

Estamos com uns visitantes espanhóis e eles vão embora depois de amanhã, foi interessante que nós temos uma médica que foi pra Espanha fazer tese, defesa de tese e ela se encontrou com um professor que perguntou você é de Perus, me conta a História da fábrica, ela falou eu não tenho mas, tem uma pessoa que pode falar. Aí, ela me indicou, e aí eu falei com eles e eles me disseram:
- Que tal se você viesse aqui pra Espanha?

Sr.Tião:

- Vocês pagam a passagem?
- Então eu vou.
- Aí eu fui, fiquei 10 dias lá contando a história da fábrica.

Jose Carlos:

Mas, gravaram alguma coisa lá?

Sr. Tião:

Tem muita coisa gravada lá.

Jose Carlos:

O que precisa é que eles mandem uma cópia disso pra cá pra memória daqui, porque senão se perde lá fica com eles lá e nós não temos informação

Sr. Tião:

Eles traduziram todinho aquele livro dos quarenta anos que transformam a fábrica e coisa...

Jose Carlos:

Nós precisamos deste livro.

Sr. Tião:

Traduziram e a menina vai me passar, depois agente encaminha pra vocês.

Jose Carlos:

Sr. Tião, mas, vê a possibilidade, o que a gente conseguir, que eles gravaram lá, pra gente trazer aqui pro Brasil.

Sr.Tião:

Amanhã eles virão até a minha casa.

Eu vou pedir.

Jose Carlos:

Pede e agente passa pro Prof. Euler e fica guardado no acervo que a gente tá montando.

BATE PAPO DEPOIS DA ENTREVISTA

(15/05/2014)

(PEGAR AUTORIZAÇÃO)

Sr. Tião

Eu esqueci de falar que dessa luta toda, nós temos um padre da região Brasilândia, se chama José Aécio Cordeiro e o nosso Bispo, naquele tempo era Dom Jose Bernardino, e esse Aécio chega na minha casa, chega lá e tá conversando com a gente e tá sentado jogando conversa fora e tomando uma, tal, e fala. - Gente eu acho que nós precisamos fazer alguma coisa pra mexer com esse governo, né? E, ele falou: Que tal se agente organizasse uma Romaria a pé pra Aparecida do Norte? Aí, todo mundo falou, a pé? Ele falou assim... Nós vamos cuidar disso. Ele foi daqui pra Aparecida, em todas as cidades, conversou porque, aí era a igreja eram padres, tinha que se acertar, então pediu o apoio, eles falavam: - Não...pode passar aqui. -É só pra gente dormir, ele dizia né? Nós fomos 8... Eu fui na segunda Romaria 6 anos, a gente saía a pé do Largo Clipper chegava em Aparecida. Saía dia 31 de agosto chegava dia 7 de setembro em Aparecida a pé, porque até então a Basílica de Aparecida era um ponto que a gente podia gritar a vontade e que se apresentava as reivindicações dos trabalhadores, então, a Romaria... foram 8 anos fazendo isso, Padre José Aécio ele era da Brasilândia, ele conviveu com agente, agora ele está no Piauí e nós já fomos lá no Piauí,

Jose Carlos:

Ele era da Pastoral Operária?

Sr.Tião:

Não... ele era do... Ele era padre secular diocesano era... porque, aqui os diocesanos daqui da Brasilândia eles não são fixos numa paróquia fica 6 anos numa, 5 na outra e tal, fazem um rodopio e ele, toda vez que ele vem a SP é uma festa, e teve também o Bispo Dom Angélico e Jose Renato que é diretor da Nove de julho.

Jose Carlos:

Então, e não dá pra fazer uma roda de bate papo com essa turma toda, dessa época e matar saudade, fizesse um almoço e colaborando todo mundo um pouquinho, fizesse uma grande festa pra rever todo mundo.

Sr.Tião:

Dá, precisa tempo. Não vamos determinar tempo, mas, fica guardado aqui(na cabeça), porque era interessante, nas

idades onde a gente dormia a gente participava da missa, as famílias dos paroquianos pegavam 2 romeiros, levavam pra casa, dava banho, dava lanche e depois na paróquia, no salão onde a gente ia dormir, lá se fazia a sopa, a janta pra gente, depois da janta sempre aparecia alguém com instrumento, fazia um forró, todo mundo dançava, muito alegre e tudo foi isso, agora essa proposta sua não tá fora não.

Thelma:

Agora... tinha um caramanchão que faziam festa?

Jose Carlos:

Tinha samba lá?

Sr.Tião:

Tinha.

Jose Carlos:

Quem falou foi a Tânia que tinha samba lá.

Sr.Tião:

O caramanchão ficou tão famoso, porque todos os domingos tinha baile e vinha gente de Santo André, São Caetano, né? Aqui de Jundiaí, desses lados, vinha muita gente participar dos bailes.

Miriam: era famoso.

Sr.Tião:

Sim, era famoso.

Jose Carlos:

E começava que horas e acabava que horas?

Sr.Tião:

Ah, geralmente de domingo começava 2 horas e terminava 10 hs e, de sábado pra domingo aí já ia das 10 da noite até 6

horas da manhã, porque tinha um senhor lá que ele era responsável pelo refeitório da fábrica de cimento, ele é que tirava o lucro da coisa, era interessante o baile pra ele porque, aí ele ganhava dinheiro com isso.

Miriam: ele promovia os bailes, ele era tipo um Pelé Problema?

Sr.Tião:

É, aí juntou uma comissão, formaram uma diretoria e mantiveram isso por bastante tempo. Vocês não conhecem o caramanchão? Precisam vir aqui.

Miriam:

Nós vamos ter oportunidade, já está marcado dia 30.

Jose Carlos:

Vou conversar com o Sr. lá no Caramanchão.

Sr.Tião:

Se bem que, eu vou dizer uma coisa pra você, eu não frequentava o Caramanchão porque era novinho ainda, então, não era muito chegado a baile.

Jose Carlos:

O Sr. fala, novinho. Quantos anos o Sr. tinha?

Sr.Tião:

No tempo do caramanchão eu entrei na fábrica foi com 23 anos.

Thelma:

Sr. Tião, quando o Sr. entrou na fábrica já era o Abdalla não era mais os Canadenses?

Sr.Tião:

Os canadenses foram até 1.950, em 50 o Abdalla tomou a fábrica e o Abdalla tinha sido secretário de trabalho do Adhemar de Barros.

Jose Carlos:

Ele tinha envolvimento político?

Sr.Tião:

E acho que desse conhecimento com o Adhemar que ele conseguiu pegar a fábrica.

Thelma:

Eu não me lembro mas, parece que teve alguma coisa em Perus sobre o pó de cimento, teve alguma coisa assim.

Sr.Tião:

Perus foi ao meu ver o primeiro bairro a lutar, a defender o meio ambiente, porque era terrível né, caía um pó danado,

nos telhados ficavam dessa altura encima das telhas e agente respirava aquilo tudo, as mulheres lavavam roupa, punha uma roupa branca no varal dava 10 minutos a roupa já estava toda cinza e dura e nessa campanha foi organizada a primeira passeata das mulheres contra o pó de cimento, calhou também com a campanha da fraternidade da igreja da CNDB que dizia que agente tirou um slogan que " O pó de cimento esmaga a vida" né, juntou.

Thelma:

Inclusive tinha problema nos telhados por causa de peso do pó de cimento e se caía encima e ficava aquela massa e caía telhado por conta do excesso de peso.

Sr.Tião:

Era muito ruim demais, então, não se conseguia plantar nada, nada vingava.

Jose Carlos:

Valeu, valeu tudo que vocês fizeram, valeu.

Sr.Tião:

Eu acho que valeu. Sabe agente fica assim com certo pesar de muita coisa eu sinto pesar porque os companheiros que eram assim bravos lutadores morreram, essa gente não devia morrer, deviam ficar aqui né? Outro pesar é ver a nossa juventude desinteressada da coisa.

Miriam:

Eu ia perguntar pro senhor sobre o lema de firmeza permanente. Hoje como é que o senhor traria esse lema, o senhor consegue enxergar em algum movimento hoje, em alguma área, algum setor da sociedade que tenha esse lema de firmeza permanente?

Sr.Tião:

Olha é difícil de encontrar viu, e difícil de entrar também, olha eu tenho 9 netos e uma neta é jornalista e 3 filhas são professoras né? Elas são assim, elas me apoiam mas, não tem aquela disposição de eu vou com você, né?

Eu tenho um amigo que eu brinco com ele que ele fala assim, ele dizia pra mim: - Eu ia na assembleia dos bancários colocava meu filho no ombro pra ele ir

aprendendo

e

coisa.

Eu não consegui fazer isso com meus filhos né? Eles vieram nas assembleias aqui quando eram crianças depois cresceram e isso pegou na juventude, então dizer pra eles, olha nós queremos transformar a fábrica num centro de cultura Eles falam: - Ah, é bom é bom, mas precisa levantar as mangas e meter a mão na massa e...

Thelma:

Mas isso não é só eles não é geral, nossa juventude tá muito alienada, porque eu acho assim, como eles acham que eles não vão poder participar de nada porque você tem um governo que você não tem participação em nada você só paga imposto, então, não vou ligar mas, quanto menos você liga pior vai ficar, por enquanto eles estão nessa, não se envolvem.

Miriam:

Mas apesar disso eu tenho um relato que é assim eu trabalho comi professora há 23 anos na rede municipal e eu passei por muitas escolas. Eu trabalhei na região da Av. Sumaré, Perdizes, e trabalhei em escolas do Jardim Rincão, por exemplo, que é aqui perto e a primeira escola que eu

trabalhei em 90 foi no Jardim Rincão o Padre Leonel Franca e bem naquela época foi quando eu entrei na Universidade na PUC e entrei na Prefeitura, eu lembro que a característica das pessoas deste bairro era uma característica muito diferenciada das experiências que tive em outros bairros, quando eu voltei depois de 20 anos no Leonel Franca a característica continua sendo a de luta de conquista de promover atividades sociais então parece que a história de um povo como é a de Perus parece que reflete um pouquinho no jardim Rincão é diferente, as pessoas são pessoas de luta são pessoas de movimento sociais tanto é que aquela região melhorou de uma forma, há 20 anos atrás lá não tinha nada era mato, agora tem conjuntos residenciais, escolas assim, uma encima da outra, isso é uma observação minha que eu não sei se o Sr. concorda comigo.

Sr. Tião:

Isso mesmo e... Tem muitas coisas que a... miséria, a miséria, o estado da educação que é ruim, criminalidade solta, tráfico de drogas, essas coisas né, que acontecem então por isso aqui, por exemplo, esse prédio ele é tombado, ele é tombado no mesmo tempo da fábrica de cimento quem fez o tombamento foi a Luiza Erundina, e então isso tem uma história longa, né, e agora tem um curso aqui, pré vestibular e são professores que lecionavam no Centro Pastoral Santa Fê, que é dos padres jesuítas lá na Anhanguera, eles saem de lá e vem pra cá gratuitamente,

praticamente, eles recebem uma ajuda de custo pra gasolina do carro e tal e vem formando e daqui já saíram gente pra Unifesp, USP porque a qualidade do ensino é muito boa, então tem isso ficou essa... Agora a gente vê aí quando fala de lutas, zona Leste é um espelho pra gente, e a gente fica tentando fazer com que a Brasilândia também seja assim e é, certo ponto é, mas precisava um pouco mais.

Miriam:

A condição de vida da pessoa, a miséria faz com que ela tenha que lutar mais do que uma pessoa que talvez esteja numa condição mais privilegiada.

Telma:

Ah sim, eu costumo dizer que você pode comparar 2 crianças por exemplo uma da zona leste ou aqui do Jdm Rincão eu nem conheço mas, eu sei que é periferia tal, e você compara com uma criança que nasce em Pinheiros, você vai ver que o desenvolvimento da criança do Jdm Rincão ou da Zona Leste em termos pessoais é muito mais rápido, em relação do de Pinheiros, por que o de Pinheiros ele é super protegido, o outro não ele vive ligado, ou ele luta ou ele não sobrevive, então é a lei da sobrevivência

mesmo, então as periferias elas acabam sobrevivendo por teimosia e porque a luta toma-se outras formas.

Sr. Tião

Em Perus a luta não pode parar porque agora agente tá com um problema aí que estão falando, estão tentando colocar uma usina de lixo encima do lixão velho . Essa firma que explorou isso todo esse tempo agora ela... Do gás ela gera energia pros bancos, pras agencias dos bancos deles, Perus usa muito pouco dessa energia que é gerada ali, eles tão de olho grande pra implantar, enquanto isso agente espera uma UPA, porque o governo Federal faz aquele jogo né, jogo de pilatos eu falo que é isso, dá dinheiro, pra você fazer mas não fiscaliza se você gasta direitinho ou não, por que nós fizemos ali, coletaram credito de carbono, foi negociado a primeira venda de credito de carbono foram gastos acho que 37 milhões e ninguém sabe onde foi gasto esse dinheiro, inventaram o parque linear melhorando o córrego de lá do Jdm Rincão pra cá vão fazer, como se diz canalizar o córrego nas laterais, fazer aqueles pequenos galpõeszinhos onde o pessoal pode descansar pra essas coisas, mas eles receberam a segunda venda de credito de carbono ninguém viu o dinheiro e até hoje não apareceu nada, a UPA tem um lugar, nós já apontamos um terreno e até agora não decidiram nada ainda, mas a gente pede pra reaparelhar porque aqui é assim, nós temos um hospital referencia que pra nós é o Hospital Geral de Taipas, ele é referencia pra gente mas não tem médico, é só prédio se ele

estivesse bem equipado e aqui as UBSs pudessem fazer o serviço preventivo agente teria um pronto socorro para as emergências, né, e o posto de saúde fazendo a preventiva o hospital ia ter pouca gente internada mas eles não pensam assim, e não tem e a coisa principal é que falta médico.

Telma:

Mas cabe a vocês, porque esse ano a eleição é deputado estadual, deputado federal, presidente, mas, daqui a dois anos vai ter nova eleição de prefeito e vamos ver o que vocês vão fazer né? É cobrar, cobrar, cobrar, cobrar, pra não esquecer que quem prometeu não cumpriu.

José Carlos:

Sr. Tião, hoje o movimento que tem em Perus, qual o movimento que é, essa discussão que o Sr. tá falando, qual o movimento permanente aí?

Sr.Tião:

Bom, agora nós temos aqui o movimento maior é o de desapropriação da fábrica, esse é a coisa principal que existe aqui, outro movimento são movimentos de bairros porque tem muitas comunidades da igreja, então, esse povo

é o povo que ainda tem uma certa clareza da coisa que é lutar e quer melhorar.

Telma:

Aqueles que correm atrás.

Jose Carlos:

Acho que valeu.

Sr.Tião:

Se não, nós vamos ficar até de noite aqui, vocês me desculpem, eu não sou palestrista, só conto história, tá bom?